

ENTRE LUZES E PENUMBRAS: UMA ETNOGRAFIA EM “CINEMÕES” [1]

BETWEEN LIGHTS AND SHADOWS: AN ETHNOGRAPHY AT “CINEMÕES” [1]

*Matheus França**

Cite este artigo: FRANÇA, Matheus Gonçalves. Entre luzes e penumbras: Uma etnografia em “cinemões” [1]. **Revista Habitus:** Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 27-43, dezembro. 2014. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 31 de dezembro. 2014.

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma discussão sobre cinemas pornô localizados na cidade de Goiânia, Goiás e frequentados por sujeitos que procuram por sexo com outros homens, enfocando os processos de constituição de identidades, corporalidades e subjetividades entre eles. A partir do método etnográfico, trago elementos empíricos para adensar tais discussões, a fim de indagar sobre os efeitos da existência desses estabelecimentos no que tange à produção de categorias identitárias e classificatórias relacionadas às homossexualidades, levando em consideração as dinâmicas e efeitos da segmentação do mercado de lazer e sociabilidade para esse público na cidade.

Palavras-chave: cinemas pornô, mercado, sexualidades.

Abstract: This article introduces an ethnographic discussion of porn cinemas in the city of Goiânia, Brazil, attended by men seeking sex with other men, focusing on the processes of identity construction, corporeality and subjectivity among them. I bring empirical elements in order to inquire about the role of such sites in the production of identities and classificatory categories related to homosexualities, as a way to address the dynamics and effects a the segmented leisure and sociability market for that audience in the city.

Keywords: porn cines, market, sexualities.

Uma etnografia entre luzes e penumbras

Parado no portão de ferro, olhei direto para o sol. Meu truque antigo: o “em-volta” tão claro que virava seu oposto e se tornava escuro, e enchendo-se de sombras e reflexos que se uniam aos poucos, organizando-se em forma de objetos ou apenas dançando soltos no espaço à minha frente, sem formar coisa alguma. Eram esses os que me interessavam, os que dançavam vadios no ar, sem fazer parte das nuvens, das árvores nem das casas. Eu não sabia para onde iriam, depois que meus olhos novamente acostumados à luz colocavam cada coisa em seu lugar, assim: casa –

paredes, janelas e portas; árvores – tronco, galhos e folhas; nuvens – fiapos estirados ou embolados, vezenquando brancos, vezenquando coloridos. Cada coisa era cada coisa e inteira, na

união de todas as suas infinitas partes. Mas e as sombras e os reflexos, esses que não se integravam em forma alguma, onde ficavam guardados? (ABREU, 2006, p. 27-28)

“Ao entrar pela catraca, me deparei com uma espécie de saguão. À minha esquerda havia uma geladeira com bebidas como cerveja e refrigerante (e o preço estava acima do preço de mercado), mais à frente um bebedouro e de frente pra ele a entrada da sala de cinema. Achei interessante o fato de o cinema ser bem mais alto do que parece quando olhamos de fora. As paredes são grandes e com algumas rachaduras, e mais ao fundo do saguão há uma escada dando acesso a um segundo andar da sala de cinema.

Entrei na sala, e então senti o primeiro choque: eu não conseguia enxergar absolutamente nada, a não ser a enorme tela que passava uma cena de sexo entre duas mulheres e um homem. Num primeiro momento, imagino que por uns dois minutos, fiquei parado exatamente ao lado da cortina preta que dá entrada à sala de cinema, afinal eu literalmente não sabia onde eu estava pisando; fiquei com medo de andar e esbarrar em algum objeto, parede ou pessoa que estivesse no caminho. Aos poucos minha visão foi se acostumando com o ambiente, e só então eu percebi que eu não estava sozinho no local – o silêncio reinava, à exceção dos gritos e/ou gemidos que vinham do filme, e como eu antes também não enxergava, não conseguia perceber a presença de outras pessoas ali. Alguns homens estavam sentados assistindo ao filme, e alguns outros estavam parados na parede do lado esquerdo das poltronas. À medida que fui me ambientando, comecei a perder o medo de andar pelo local. Percebi que atrás das poltronas havia uma espécie de divisória que dava forma a uma “sala aberta”. Durante todo o tempo em que fiquei no cinema, percebi homens encostados na parede do fundo esperando alguma abordagem. Ali, mais ao fundo, foi onde eu julguei ser o dark room [2], mas não cheguei a ir até lá. Atrás dessa sala aberta havia um terceiro e último ambiente: uma pequena televisão que, no momento, estava passando um filme pornô gay. Cerca de 5 homens estavam sentados assistindo ao filme” (Diário de Campo, setembro de 2011).

Este foi o início do relato da minha primeira inserção em campo, em uma quente tarde de setembro de 2011, no Cine Santa Maria. Foi a primeira de várias incursões nos cinemas pornôs da cidade de Goiânia, objeto da minha primeira pesquisa de iniciação científica. À época, eu ainda não havia me atentado para o fato de estar iniciando um trabalho que ampliaria sobremaneira meus conhecimentos teóricos e práticos tanto em antropologia urbana e de gênero e sexualidade. E, principalmente, que aquele campo me ensinaria – e muito – não só a aprender a acostumar o olhar à penumbra e, logo depois, acostumá-lo novamente à silhueta das “casas, árvores e nuvens”, mas também adaptar meu olhar etnográfico, por meio do qual se ilumina realidades e passa-se a identificar a silhueta de “paredes, janelas e portas” existentes no âmbito das relações sociais e trocas simbólicas diversas.

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma discussão sobre cinemas pornôs localizados na cidade de Goiânia/GO e frequentados por sujeitos que procuram por sexo com outros homens, enfocando os processos de constituição de identidades, corporalidades e subjetividades entre eles. A partir do método etnográfico, trago elementos empíricos para adensar tais discussões, a fim de indagar sobre os efeitos da existência desses estabelecimentos no que tange à produção de categorias identitárias e classificatórias relacionadas às

homossexualidades, levando em consideração as dinâmicas e efeitos da segmentação do mercado de lazer e sociabilidade para esse público na cidade. Para tanto, parto da ideia de que “os bens são neutros, seus usos são sociais; podem ser usados como cercas ou como pontes” (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004). Nesse sentido, entendo os “cinemões” (categoria êmica para os cinemas pornô) [3] como instâncias de produção de sentidos, para além de uma visão utilitarista de mercado (SAHLINS, 1979), que produzem cercas ou pontes de inteligibilidade e de intercâmbio de sentidos entre frequentadores e empresários responsáveis pelos cinemas. Segundo Maria Filomena Gregori (2010),

Hoje não podemos estudar apenas aqueles universos institucionais de produção dos saberes próprios à consolidação da “sociedade burguesa” dos séculos XVIII e XIX, como foi inicialmente realizado por Foucault: clínicas, prisões, processos judiciais. Torna-se estratégico investigar as práticas que envolvem os erotismos, em meio a um universo que parece absolutamente central no mundo contemporâneo: o mercado. (GREGORI, 2010, pp. 77-78)

Assim, torna-se instigante pensar antropológicamente o mercado e suas diversas e possíveis intersecções com o campo de estudos sobre sexualidades. Parte da produção antropológica acerca das homossexualidades no Brasil leva em consideração tanto o surgimento dos movimentos sociais e a visibilização de seus questionamentos (MacRae, 1990), quanto os complexos processos de constituição de identidades a partir da re-constituição e atuação do movimento homossexual na década de 1990 (Facchini, 2005). Essa questão é retomada por Isadora Lins França (2006; 2007) que, para além da atuação política, leva em conta o surgimento de um mercado “GLS” (*gays*, lésbicas e simpatizantes) na cidade de São Paulo nos anos 1990 para pensar nos processos de constituição de identidades homossexuais. Existem, assim, pesquisas antropológicas realizadas no Brasil que tratam do surgimento, dos desdobramentos e dos efeitos do chamado mercado segmentado *GLS* em grandes centros urbanos, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Faço uso da sigla *GLS* porque a mesma tem cunho mercadológico, enquanto que *LGBT* (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) tem sido utilizada pelos movimentos sociais para se referirem a aspectos mais políticos. Não quero com isso dizer que tais dimensões – mercadológica e política – não estabeleçam cruzamentos e relações entre si, mas sim que o uso da sigla *GLS* ainda é (desde os anos 90) utilizada para estabelecimentos comerciais, inclusive entre minhas e meus interlocutoras/es.

Com relação a locais comerciais para sexo entre homens, campo que tem rendido boas problematizações a respeito de corpo, erotismo, sexualidade, subjetividades e masculinidades, é possível remeter a pesquisas realizadas em outras capitais brasileiras: sobre saunas *gays* (Paiva, 2009; Santos, 2007, 2012), cinemas pornô (Fábio et al, 2008; Terto Jr., 1989; Vale, 2000) e clubes de sexo masculinos (Braz, 2010). Durante o desenvolvimento do artigo trarei uma discussão mais detida de algumas das etnografias em cinemas pornô de outras cidades, bem como de um trabalho anteriormente realizado em um dos estabelecimentos em que trabalhei. Não é meu objetivo, no entanto, resenhar a bibliografia acima mencionada, mas antes destacar a

realização de estudos em outros contextos metropolitanos e apontar para a validade de estudos em outras cidades – minha intenção aqui é contribuir para o debate trazendo o caso goianiense.

Miriam Grossi (2004) aponta para a relevância de estudos sobre masculinidades diante de um contexto em que as mesmas estariam “em crise”, ou, nos termos que ela prefere utilizar, em “processos de mudança”, os quais homens e mulheres estariam enfrentando nas suas relações e constituições de processos identitários (GROSSI, 2004, p. 29). Osmundo Pinho (2005) aponta para a forte intersecção entre corpo, gênero, sexualidade e raça, no âmbito de estudos sobre masculinidades, a partir de etnografia realizada em Salvador/BA. Com efeito, estudos sobre masculinidades e homossexualidades são relevantes na medida em que problematizam tanto o gênero quanto a sexualidade enquanto marcadores sociais da diferença constantemente acionados nos mais diversos contextos da vida social contemporânea. Parto, portanto, de perspectivas teóricas que apontam tanto para a importância de se pensar na intersecção desses marcadores na produção de subjetividades (BRAH, 2006), quanto para a necessidade de pensar a diferença entre sujeitos enquanto categorias de análise (MOORE, 1996) a partir de um olhar teórico que quebra com a rigidez da dicotomia natureza *versus* cultura no que se refere ao gênero e à sexualidade (BUTLER, 2003). Nesse sentido, buscar compreender e interpretar significados por meio da relação entre estes marcadores e espaços conhecidos pela sua marginalidade, como cinemões e saunas, são estratégias de pesquisa antropológicamente instigantes.

O artigo divide-se em dois momentos. Primeiramente, realizarei uma breve discussão metodológica sobre a realização da pesquisa, na qual o uso de plataformas virtuais (aliado à observação dos estabelecimentos) foi a minha principal via de acesso aos interlocutores. Ademais, foi quando ficaram ainda mais evidentes as hierarquizações e dinâmicas de diferenciação que encontrei em campo. Num segundo momento, parto para a discussão central do artigo. Ao final, teço algumas considerações finais.

1. Quando o campo é também on-line – ou sobre a internet como instrumento de pesquisa

Os cinemas pornôis, em sua grande maioria, são ambientes onde predominam o silêncio, o olhar e o toque. Além disso, nestes lugares se preza pela privacidade e pelo anonimato. Por isso, uma das minhas dificuldades, no início do trabalho de campo, foi justamente a de estabelecer um primeiro contato com meus possíveis informantes. Essa mesma dificuldade foi vivenciada por Braz (2010) em sua etnografia em clubes de sexo masculinos. Tendo essa preocupação em mente, decidi abrir, assim como ele, uma conta na conhecida rede de relacionamentos *Orkut* [4], por meio da qual se pode “montar um perfil (*profile*), encontrar velhos amigos ou fazer novos e criar ou participar dos mais diversos tipos de comunidades” (PARREIRAS, 2008, p. 07). Fiz, portanto, meu perfil, e por meio dele deixei informações sobre a pesquisa.

Publiquei a mensagem do perfil em todas as comunidades das quais passei a fazer parte. A intenção era justamente deixar claro qual meu objetivo ao entrar em contato com essas

peças e me por disponível, sobretudo por meio de contato eletrônico, para estabelecer diálogos. E tive resultados: dialoguei via MSN [5] com onze frequentadores, com os quais eu conversei pelo menos uma vez. Desses, cheguei a entrevistar presencialmente dois – outras entrevistas foram realizadas além dessas, por meio da técnica de entrevistas em bola-de-neve. Nem todos os meus contatos tinham grande frequência nos cinemões, contudo puderam me contar um pouco sobre experiências em outros espaços de sociabilidade e trocas eróticas, como saunas e, mesmo, locais de “pegação” (termo êmico que se refere geralmente à busca por sexo em locais públicos) não comerciais, como bosques e banheiros públicos.

É importante ressaltar que meu trabalho de campo não se resumia aos ambientes virtuais. E que, embora seja absolutamente pertinente a etnografia em tais locais, o uso da rede, no meu caso, foi muito mais instrumental – era uma via de acesso aos informantes, num contexto em que as dificuldades para conhecer colaboradores, pela própria dinâmica dos lugares de pesquisa, eram muitas. Cheguei a frequentar os cinemas, na tentativa de “ser visto” tanto pelas/os funcionárias/os quanto pelos frequentadores. Em certa altura do trabalho etnográfico, já era possível travar conversas com esses sujeitos na porta de um dos cinemas da cidade, uma vez que eles me conheciam tanto pelas idas aos estabelecimentos, quanto pelo perfil on-line. A partir dessas incursões em campo, entrevistei mais dois frequentadores, uma funcionária e o proprietário de um dos cinemas. Os outros empresários – e algumas/uns funcionárias/os, além de frequentadores – não aceitaram realizar entrevistas. Por diversas vezes, me disseram que ela [a entrevista] poderia ocorrer, mas que só teriam disponibilidade em outro dia – entretanto, todas as vezes em que marquei entrevistas, os mesmos não compareciam e/ou protelavam o momento. Nesse sentido, as próprias entrevistas ficaram na “penumbra”, a propósito do título do artigo. Entretanto, meu campo não deixou de ter “luzes”, uma vez que estes sujeitos me concederam valiosas informações a partir de conversas informais.

Acredito que seja relevante, no sentido de problematizar a presença do pesquisador em campo, mencionar também as várias “investidas” de alguns informantes. Não foram poucas as vezes em que fui “olhado”, “notado”, “percebido” pelos frequentadores, tanto dentro dos cinemas como nas comunidades e em conversas no MSN. Nessas, havia diálogos como esse:

Interlocutor: Vc curte homem peludo?

Pesquisador: Não muito... porquê?

Interlocutor: Ah, tá. É porque sou. Então falou, “fera”. Se eu não te interessa, então você também não me interessa. Valeu. Te excluindo.

Pesquisador: Ok então... mas muito obrigado por me ajudar!

Interlocutor: Não ajudei em nada.

Pesquisador: Ajudou sim! É importante pra mim saber a opinião das pessoas sobre os cinemas...

Interlocutor: E por que não curte macho peludo? Me explica. Macho que é macho tem que ter pelos. Aff. (Conversa via MSN – outubro de 2011).

De fato, era impossível evitar as “cantadas” emitidas pelos informantes. E ainda que eu tentasse voltar o foco da conversa para o tema da pesquisa, em algumas situações isso se tornava uma tarefa muito difícil. Especialmente nos momentos em que perguntavam sobre a minha sexualidade e eu respondia que era *gay*. Nesses momentos, as investidas ficavam ainda mais intensas, ainda que eu falasse que um dos procedimentos éticos e metodológicos que eu adotava era justamente o de não estabelecer relações sexuais em campo. Braz (2008) tomou essa dinâmica de cantadas, flertes e avaliação do *avatar* como questão de pesquisa e concluiu que é válido pensar que receber as “cantadas” faz parte do fazer etnográfico em alguns contextos de pesquisa, uma vez que o pesquisador está inserido física e corporalmente no campo, o que faz com que participe dele em diversos sentidos. Mesmo que não tenha a intenção de praticar sexo efetivamente, como foi meu caso. Talvez, então, elas possam ser uma boa possibilidade de começar a pensar nos marcadores sociais de diferença que produzem sujeitos e corpos mais ou menos desejáveis, já que o corpo do pesquisador, nesse caso, é constantemente avaliado pelas mesmas convenções que constroem a inteligibilidade dos corpos dos frequentadores. Segundo Braz (2008), “não se trata aqui de jogar fora a possibilidade do distanciamento, nem de ‘virar nativo’. Mas de levar em conta o quanto a realidade estudada pode ser incorporada não só nos sujeitos da pesquisa, mas também na/o pesquisadora/o.

2. Falando em cinemões...

O trabalho de campo etnográfico que deu origem a este artigo foi realizado entre os meses de setembro de 2011 a maio de 2012. Durante a pesquisa, foi dada maior atenção a dois cinemas em especial: o Cine Santa Maria e o Cine Astor, uma vez que estes são os cinemões *gays* da cidade segundo grande parte dos frequentadores com os quais tive contato. Isso porque os sujeitos desses cinemas costumam fazer pegação e também porque são os únicos que exibem filmes “*gays*”, além dos filmes pornô “heterossexuais”. Já no final da etnografia, mais precisamente na segunda semana do mês de maio, um terceiro cinemão, chamado CineMix, foi inaugurado, mesma época em que o Cine Astor encerrou suas atividades – embora tenha sido reaberto em agosto do mesmo ano. Infelizmente, não tive tempo de etnografar o CineMix, embora tenha ido na primeira semana de seu funcionamento e constatado que ele era bastante diferente em termos de estrutura: não era um antigo cinema de rua adaptado para veicular filmes pornográficos (como são o Santa Maria e o Cine Astor), mas sim uma casa que foi reformada para os mesmos fins. Por esse motivo, no CineMix não havia a estrutura de cadeiras expostas conforme os padrões de salas de cinema; o local onde se passava os filmes dava a impressão de ser a “sala de estar” da antiga casa. O que outrora teriam sido os quartos passaram a ser os *dark rooms* do cinemão. O outro ponto em comum entre os três cinemas pornô acima mencionados, além de serem considerados *gays*, é que todos se localizam no Centro da cidade de Goiânia [6]. No que se refere aos três outros cinemões da cidade, também localizados no Centro, exibem exclusivamente filmes heterossexuais, além de terem outras atrações como shows de *strip-tease* feminino e de sexo ao vivo, que indicam que o público frequentador, em

grande parte, esteja à procura de mulheres, e não homens. Ainda segundo meus interlocutores, estes cinemões seriam os heterossexuais.

Outro dado interessante que me permitiu fazer esse recorte foi um fórum de discussão na internet chamado *GP Guia* [7], de caráter nacional, que tem como objetivo a troca de experiências entre pessoas que contratam garotas de programa. Os foristas, como se auto-denominam os membros do fórum, após contratarem uma GP (sigla para “garota/o de programa”), relatam sua experiência, dando nota, fazendo comentários etc. Na parte destinada ao estado de Goiás, existem três tópicos exclusivos para cinemas pornô: um para o Cine Fênix, um para o Cine Liberty e outro para o Cine Apolo. Em todos os tópicos, os comentários somente falam sobre as acompanhantes desses três cinemas, sem mencionar, em momento algum, qualquer cena de pegação. Rogério [8], frequentador do Santa Maria e meu principal interlocutor, em conversa via MSN, disse-me em determinado momento que “não, ele [o Cine Fênix] é hetero, já o Santa Maria é de tudo” (Rogério, 45 anos). Obviamente que essas categorias são passíveis de crítica e necessitam de maior problematização. Até porque, a partir de um olhar etnográfico, é possível perceber que mesmo nos cinemas que não são considerados “*gays*” há trocas sexuais entre homens. Contudo, o que me interessa aqui, como antropólogo, é justamente tentar perceber quais elementos são acionados para a construção simbólica dessas distinções (BOURDIEU, 2007). Por exemplo, a presença de mulheres, ou de shows de sexo heterossexual, como elementos mobilizados pelos entrevistados para que determinados cinemas deixem de ser considerados *gays*. Isso mostra, talvez, como a constituição desses lugares passa pelo foco numa sociabilidade e em práticas eróticas exclusivamente masculinos. Em termos de gênero, é o feminino que deve ser extirpado desses espaços para que eles sejam considerados *gays* por seus frequentadores.

Portanto, o gênero é um marcador de diferença na constituição discursiva desses lugares – ou seja, espaços carregados de sentido. Muito embora haja certa ambivalência: a presença de travestis em um dos cinemas (o Santa Maria) não faz com que ele deixe de ser considerado *gay* – ou “de tudo”, como afirmou Rogério – pelos entrevistados. Neste caso, a categoria “mulher”, mais que ao sexo, refere-se ao gênero feminino. Conforme aponta Butler (2003), o “sexo” também é um dado construído a partir de reiterações performativas, culminando em uma ficção reguladora dos corpos. A tensão de gênero presente na dinâmica dos cinemões envolve, assim, alguma elasticidade na presença de figuras femininas nestes estabelecimentos: a interdição é parcial, e certas feminilidades são aceitas naqueles contextos, e inclusive desejadas, como é o caso das travestis no Santa Maria.

O Santa Maria é o cinema mais antigo de Goiânia, tendo sido inaugurado pouco depois da construção da cidade, em outubro de 1939. O Santa, como é chamado entre seus frequentadores mais assíduos, funcionou até 1994 como cinema convencional, tendo que fechar as portas devido ao impacto das salas de cinema dos *shopping centers* (KABRAL, 2009). Esse processo pode ser percebido em outros contextos metropolitanos, e foi detectado em algumas pesquisas sobre cinemões em outras cidades brasileiras, como é o caso do trabalho de Fábio *et al* (2008) na cidade de São Paulo e também pelo sociólogo Alexandre Vale (2000), que realizou

uma etnografia de um cinema em Fortaleza, o Cine Jangada, fechado também em função do advento das salas da rede de cinemas Severiano Ribeiro. Entretanto, diferentemente do Cine Jangada, que quando fechou suas portas já exibia filmes pornográficos, o Santa Maria, em 1996, reabriu as portas como cinemão e, desde então, exhibe exclusivamente filmes pornô. Importante destacar que a reabertura do Santa Maria como cinema pornô se dá em um momento de forte consolidação de um mercado GLS na cidade de Goiânia. Braz (2014) comenta que os primeiros bares e boates frequentados majoritariamente por uma clientela homossexual na capital goiana remonta às décadas de 70 e 80, entretanto foi a partir dos anos 90, juntamente da efervescência de movimentos sociais ligados à questão da diversidade sexual, que este mercado segmentado tomou forma. Tal fato teria ocorrido a partir da profusão de estabelecimentos como bares, boates, saunas e cinemas pornô nos anos 90 e 2000 voltados para este público especificamente (BRAZ, 2014).

Antes de passar pela catraca do Santa, ainda na bilheteria, estão expostos os filmes que serão exibidos no dia. São três cartazes em folha tamanho A4. Todos os três filmes anunciados mostram mulheres nuas ou seminuas. Embora os filmes projetados nesse cinemão incluam filmes com cenas de sexo entre homens, assim como sexo de homens com travestis, os filmes publicitados nos cartazes são todos heterossexuais. Ao passar pela catraca, vê-se um enorme saguão que, ao fundo, dá nos banheiros. À direita, há a entrada para o primeiro andar da sala de cinema. Ao lado dessa entrada, pode-se ver a escada que dá acesso ao segundo andar da sala de cinema. Ao entrar por ela, é possível ver a sala de cinema com a grande tela que exhibe os filmes pornográficos. Atrás dessa sala, há uma um pouco menor, com uma televisão de cerca de 32 polegadas na parede, que exhibe os filmes não heterossexuais. Entre as duas salas há um corredor escuro e uma sala que funciona como *dark room*. O valor da entrada, à época da finalização da pesquisa, era de R\$6,00 – bem abaixo das salas de cinema convencionais da cidade, que cobram entre R\$15,00 e R\$30,00 pelo valor inteiro da entrada. O diferencial do lugar é que é o único cinema que tem a presença das travestis.

O público é formado, na maioria dos casos, por homens com idade superior a 45 anos, com baixa renda, e que advêm de zonas mais afastadas do Centro – a localização próxima à Avenida Anhanguera (que corta a cidade no sentido leste-oeste), onde a passagem de ônibus custa a metade do preço dos demais que percorrem a cidade é um fator que colabora para estes movimentos. Entretanto, há também moradores do centro da cidade que lá frequentam já no final de tarde. As travestis também costumam vir de bairros mais periféricos, embora muitas delas estabeleçam residência no Centro, tendo em vista que muitas delas trabalham com prostituição (especialmente no Santa) e este bairro é um lugar onde há oportunidades de trabalho nesse sentido. Não há muita distinção de raça/cor, e meus interlocutores, ao serem questionados sobre isso, não me diziam muito claramente sobre como viam o público do cinema em termos desse marcador específico. Pude perceber também que não havia muita distinção no que tange à raça/cor no momento da escolha de parceiros sexuais. Entretanto, nas situações em que pude presenciar homens mais jovens (de cerca de 30 anos), de aspecto mais viril, e brancos,

era inevitável: imediatamente eles viravam alvo de olhares por parte de todos os senhores que ali se encontravam.

Já o Cine Astor é um antigo cinema do centro de Goiânia, que encerrou suas atividades como cinema convencional em 2006, também devido ao advento das salas de cinema de *shopping centers*. O antigo dono vendeu o cinema para a pessoa que então o tornou um cinema pornô no mesmo ano. Ele foi fechado durante a realização da minha pesquisa (em maio de 2012) – e reabriu logo após o encerramento da mesma (por volta de agosto de 2012), sob nova direção. Segundo o proprietário do Astor na época (em entrevista concedida para a pesquisa), que é dono também de alguns cinemões em São Paulo, o mesmo foi fechado porque ele quer concentrar seus lucros na capital paulista, uma vez que o Astor não vinha dando tanto lucro, e as despesas com funcionárias/os, conserto de equipamentos etc, eram altas.

O Astor possui duas salas de cinema, em dois andares. A sala de baixo exhibe filmes heterossexuais. A de cima, menor, com menos cadeiras e com um equipamento de vídeo de baixa qualidade, transmite os filmes *gays*. Entretanto, assim como no Santa Maria, os filmes anunciados em cartaz eram quase sempre somente os heterossexuais. Em ambos os cinemas os frequentadores fazem pegação independentemente dos filmes anunciados, à revelia do que é anunciado na fachada do estabelecimento. À direita dessa segunda sala há uma outra mais ou menos do mesmo tamanho, absolutamente vazia, apropriada pelos frequentadores como *dark room*. O valor da entrada, na época do fechamento, era de R\$7,00 (valor único).

O público costuma ser diferente do que frequenta o Santa: geralmente encontra-se pessoas mais jovens (entre cerca de 18 a 45 anos), homens de classe média ou baixa, muitos deles com ensino superior, enquanto outros completaram somente o ensino médio. No Astor, a presença de frequentadores no horário de almoço fica bem mais intensa, notadamente de funcionários das lojas vizinhas e de escritórios das redondezas – não raro se vê homens de terno e gravata entrando no Astor nesse horário. Assim como no Santa, a proximidade da Avenida Anhanguera é um fato que contribui para o aumento da frequência de sujeitos no cinema, uma vez que o acesso torna-se mais fácil para quem mora distante. Aqui, o público, além de mais jovem, é relativamente mais branco – em termos de raça/cor, há, assim como no Santa Maria, uma valorização da branquitude, embora corpos negros ganhem lugar de destaque por serem tidos como “mais viris”, como assinala Lucas (22 anos), frequentador do Cine Astor:

Pesquisador: E quais são os caras que mais chamam a atenção no cinemão?

Lucas: Os que fazem mais sucesso são os que aparecem de terno, né? Dá um ar de superioridade, de alguém que estudou, dá até uma excitação maior. E os negros também... né? Não preciso nem dizer o porquê [risos]!

Pesquisador: Por quê?

Lucas: Porque eles são mais machões, né? E todo mundo gosta de um cara assim, mais viril, mais macho.

Pesquisador: Então os homens negros seriam mais valorizados em termos de atração física.

Lucas: Eu acho que são mais os brancos, principalmente os novinhos... mas os negros têm seu valor! [risos] (Entrevista – março de 2012).

Aqui, fica notória uma distinção de raça/cor que expressa bem as relações de poder dentro dos cinemões. Se por um lado tanto negros quanto brancos são valorizados em alguma medida, por outro há uma notória necessidade em se justificar o porquê de corpos negros serem valorizados – e então diversos motivos surgem, geralmente ligados à questão da virilidade, do corpo negro enquanto muito masculino, a discussão em torno do tamanho do pênis de negros etc. No que se refere ao desejo por homens brancos, nenhuma razão costuma ser levantada a priori, levando a crer que há uma suposta obviedade em se desejar homens brancos. Osmundo Pinho (2005) comenta que

o homem negro (...) é um homem deficitário porque vis-à-vis outros homens se emascula pela subordinação racial a que está submetido. Ele é ainda aquele super-sexuado, mais sexual ou mais sexualmente marcado que o homem branco, na medida em que é mais corpo, presença corporal significativa (PINHO, 2005, p. 138).

Cada cinema, em Goiânia, costuma ter seu público habitual, e dificilmente os frequentadores de um frequentam os outros. Segundo a maioria de meus informantes, é possível perceber que há uma frequência muito específica de pessoas em cada estabelecimento. Foi o que afirmou, por exemplo, Carla (29 anos), uma das funcionárias do Cine Astor:

Pesquisador: Você percebe se há um grupo de pessoas que vem sempre aqui no cine Astor? Algumas pessoas que frequentam toda semana, ou mais de uma vez na semana.

Carla: Ah, o público aqui é o mesmo. As figurinhas são sempre as mesmas.

Pesquisador: Sempre os mesmos?

Carla: Sempre as mesmas figurinhas...

Pesquisador: Você percebe se tem gente que vem só de vez em quando, que veio e nunca mais voltou?

Carla: Que veio e nunca mais voltou é complicado... mas, a maioria sempre são os mesmos. Tem uns que demoram a vir mais, tem uns que vêm com mais frequência, mas são sempre os mesmos.

Pesquisador: Os rostos sempre são bem conhecidos...

Carla: Os mesmos. (Entrevista – março de 2012)

Na mesma linha, Lucas (22 anos) diz:

Pesquisador: E aí se a gente pensar nesses lugares, o cinema, como você falou, você prefere o Astor mais por conta do filme, porque tem filme gay.

Lucas: É, mas hoje em dia você encontra de, como se diz, de tudo. Você encontra desde o menino novinho que você quer ficar porque ele é estudante, você encontra advogado, você encontra de tudo e de todo mundo. Mas sempre frequentando um lugar só, igual você frequenta só o Cine Astor, você vai na segunda-feira, se você for na outra segunda-feira você encontra as mesmas pessoas, ou seja, você já não vai ficar com aquelas mesmas pessoas, você vai querer a novidade, então é mais fácil de você encontrar uma novidade, assim. Entendeu? Por isso que eu gosto de ir lá, que aí eu já conheço todo mundo mesmo no escuro ou não. ‘Ah, você!’ (Entrevista – março de 2012).

Rogério afirmou que no Santa Maria há também pessoas que estão sempre lá, além do fato de haver uma clara diferença entre o público de ambos os cinemas:

Pesquisador: Você percebe se há um grupo de pessoas que vai sempre nesses estabelecimentos?

Rogério: Sim!

Pesquisador: Então tem um pessoal que são mais... “carteirinhas” [categoria enunciada pelo interlocutor em outro momento da entrevista]?

Rogério: Carteirinhas. Eu, quando comecei a frequentar o Santa Maria, quando descobri que existia o Santa Maria, eu era carteirinha! Todo domingo eu tava lá e o pessoal já nem cobrava de mim mais. Depois, eu fiquei uns dez anos sem ir, mas agora eu voltei a frequentar e constantemente eu vejo as mesmas pessoas.

(...)

Pesquisador: Você percebe se tem algum dia da semana, alguma época da semana que vai um público específico? Por exemplo, em tal dia da semana vai um público de certa idade, em outro dia da semana vai um público de outra idade...

Rogério: Não, porque aqui em Goiânia os cinemas são quase que separados. No Santa Maria vão pessoas mais de idade, ou pessoas mais liberais, no Astor vão rapazes novos (Trecho de entrevista – janeiro de 2012).

Já ouvi relatos de frequentadores, por exemplo, de cenas de sexo entre homens nesses cinemas considerados heterossexuais, entretanto essas práticas ocorrem em corredores escuros, banheiros, cantos etc. A pegação é mais velada. No Santa Maria, no Astor e no CineMix o sexo está presente por toda parte: nas poltronas, nos corredores, nos *dark rooms*, em cantos escuros, nos banheiros – e na tela de projeção, obviamente.

É importante enfatizar também que o cinema pornô não é um lugar exclusivamente para sexo, por mais que este seja um dos principais chamarizes destes estabelecimentos. Uma das coisas que permeou todas as minhas entrevistas e boa parte das minhas conversas com frequentadores e funcionárias foi, justamente, que o cinemão não é, de forma alguma, um lugar exclusivo para sexo. Douglas, um de meus contatos *on-line*, disse-me assim que nos conhecemos:

Então, eu frequentei durante um bom tempo o Cine Astor. A última vez que fui lá foi no começo desse ano, e por incrível que pareça foi nessa última vez que conheci meu atual companheiro. Nunca imaginei que encontraria um relacionamento sério num cinema pornô, até eu me surpreendi. Essa é uma prova de que esse tipo de cinema não é somente promiscuidade como muitos pensam, mas que há boas histórias que se passam lá para serem relatadas. (Douglas, 22 anos – maio de 2012)

É possível perceber, a partir da fala de Douglas, hierarquias morais que se constituem no âmbito das relações estabelecidas nos cinemões. “Achar um companheiro”, aqui, parece configurar-se enquanto uma superação da “promiscuidade” presente nos cinemões, estabelecendo uma relação de distinção entre o que seria um relacionamento sério (nos termos de Douglas) e o sexo casual que ali ocorre. A surpresa enunciada no trecho anterior também é um elemento interessante para pensar estas hierarquias, afinal evidencia que as relações ali estabelecidas, na maioria dos casos, é casual, e a valoração positiva e superior do status do “relacionamento sério” (em oposição à promiscuidade) aponta para o lugar de prestígio que relacionamentos estáveis ocupam naquele lugar.

A partir dos relatos e de minhas observações, pude constatar que se constituem nos cinemas redes, entendidas aqui como “conjuntos de sujeitos que mantêm relações interpessoais num meio social não-estruturado e em contextos sociais particulares” (FACCHINI, 2008, p. 147). São formadas fortes redes de amizade. Praticamente todas as vezes em que eu chegava no Astor, era possível ver frequentadores conversando com as funcionárias no balcão, tomando cerveja ou refrigerante, rindo alto, fazendo piadas. Este fato ficou evidente na fala de Cristiano (28 anos de idade), um dos frequentadores deste cinema:

Pesquisador: Você percebe se há um grupo de pessoas que vai sempre nesses estabelecimentos? Pessoas que estão sempre lá, ou que vão ao menos uma vez na semana.

Cristiano: Aqui a gente vê um grupo que está sempre aqui, que a gente vê com frequência. A gente até já se conhece pelo nome...

Pesquisador: Então exista talvez uma rede de amigos, ou talvez uma rede de conhecidos aqui?

Cristiano: Olha, acho que tenha essa rede de amigos e a de conhecidos. A gente acaba se conhecendo aqui mesmo, mas por se ver com frequência, a gente acaba travando uma amizade, então são amigos mesmo. (Entrevista – março de 2012)

No Santa, vi essa situação em quantidade menor de vezes, entretanto me foi relatado que essa formação da rede existe, e é também marcante. Rogério, por exemplo, relatou a forte ligação que ele tem com este cinemão: “Todo domingo eu tava lá, e o pessoal já nem cobrava de mim, porque eles pediam pra eu fazer coisas pra eles na rua, e eles não cobravam de mim, então eu tinha feito amizade” (Entrevista). Chama a atenção o fato de Cristiano mencionar que nos cinemões alguns dos frequentadores “até” se conhecem pelo nome. Nesse caso, uma interpretação possível é a de que, nesses lugares, o “conhecer” se dá a partir de um esquema distinto de sociabilidade; como apontei no início da primeira seção, há nos cinemões um forte

apreço ao silêncio, e a dinâmica de toques e olhares ganha centralidade. Por isso mesmo, saber o nome de quem está ali dentro não é necessariamente relevante para a dinâmica – como pode ser em outros espaços de sociabilidade onde o nome da pessoa é uma das primeiras informações que se toma conhecimento. Nos cinemões, por outro lado, o *nome* ganha um status diferenciado, sendo elemento de distinção das relações ali estabelecidas.

Outro tipo de distinção muito comum nos cinemas pornô de Goiânia é a tendência de se classificar os cinemas pornô em algumas categorias, fenômeno similar ao diagnosticado por Fábio et al (2008) ao esboçar uma classificação de cinemões em São Paulo. No trabalho de campo percebi que há, marcadamente, uma divisão – seguindo as categorias de Fábio et al (2008) – entre “cinemas de rachas”, que seriam cinemas frequentados também por mulheres (“racha” é um termo nativo que significa mulher, em um sentido pejorativo – aqui surge mais uma vez a tensão de gênero mencionada anteriormente no texto) e “cinemas de pegação” (Cine Astor e CineMix), além do Santa Maria, que poderíamos enquadrar em “cinemas de travas”, devido à presença das travestis. Embora eu tome aqui as categorias do trabalho acima citado, ressalto que não houve, entre meus interlocutores, a enunciação de termos ou categorias que denotassem essa divisão entre os cinemas. No entanto, tal dinâmica de diferenciação entre os cinemas era sempre pontuada, e as descrições sempre me remetiam a essas categorias.

A hierarquização dos cinemões (considerando todos os que existem em Goiânia) parece levar em consideração a presença de mulheres como sendo o referencial positivo de qualidade e, em contrapartida, a presença de travestis como sendo um referencial negativo. Isso parece ser tão forte que mesmo nos cinemas em que são exibidos filmes de sexo entre homens e/ou de sexo com travestis, os anúncios fazem propaganda somente dos filmes heterossexuais que serão passados no dia. Se pensarmos no circuito constituído pelo mercado de lazer e sociabilidade para gays e lésbicas em Goiânia (BRAZ, 2014), encontraremos os cinemões em lugar marginalizado, levando em consideração as dinâmicas de poder que atuam sobre esses lugares (Gupta & Ferguson, 2000).

Na medida em que eu desenvolvia o trabalho de campo, percebia que, além do gênero, o marcador social de geração operava com muita força no sentido de segregar os dois públicos. Dessa forma, constitui-se de fato um público cativo entre os dois estabelecimentos e, a partir dessa divisão, surgem classificações diversas. Os sujeitos que costumam frequentar o Santa Maria costumavam afirmar que não frequentam o Cine Astor porque lá “dá muito menino novinho”, “muito nariz empinado”. E num sentido oposto, os frequentadores do Cine Astor diziam que no Santa Maria “só vai gente mais velha”, “tem travestis”, “tem gente muito velha e feia”. Segundo informantes do Santa, quanto mais jovem, mais “afetado” (termo êmico que significa efeminado, efusivo). Todavia, é importante frisar que tanto no Santa quanto o Astor é possível encontrar homens mais velhos e sujeitos “mais afetados”.

Considerações finais

Minha pesquisa está inserida em um campo de estudos que toma o mercado como uma das várias instâncias de produção de identidades, subjetividades e verdades (FOUCAULT, 1979),

ao lado, por exemplo, da política, da psicanálise, da religião, da mídia etc. É nesse sentido que Douglas & Isherwood (2009) apontam que “o consumo é algo ativo e constante em nosso cotidiano e nele desempenha um papel central como estruturador de valores que constroem identidades, regulam relações sociais, definem mapas culturais” (p. 08). Seguindo esse pensamento, é interessante observar como o chamado mercado GLS de fato incide não só como produtor de identidades, mas também como estimulante de uma enorme profusão de categorias classificatórias e hierarquizantes.

Nesse sentido, o mercado também exclui. Ao operar com categorias de distinção sociais como sexo, gênero, raça – o caso dos cartazes que anunciam os filmes (sempre heterossexuais), privilegiando corpos brancos e seguindo uma certa “coerência” heteronormativa – os cinemões tanto produzem categorias e significados quanto são alvo de simbolizações produzidas pelos sujeitos que os frequentam. Tal circulação de referências identitárias é construída por uma via de mão dupla entre empresários, funcionárias/os e frequentadoras/es. Contudo, é evidente que estes processos são permeados por tensões: embora os sujeitos digam que o cinema é gay, de pegação, a “propaganda” que se faz é de que ali só serão exibidos filmes heterossexuais; há pessoas negras que frequentam os cinemas, mas nos cartazes só aparecem brancas. Há travestis no Santa Maria, entretanto também não há ali nenhuma referência a essas identidades.

Entendo, portanto, que são necessários estudos etnográficos que apontem para tais relações de poder presentes nesses lugares, a fim de descortinar distinções que se configuram a todo momento, produzindo desigualdades. Nesse sentido, o presente texto pretende contribuir aos estudos antropológicos sobre cinemões (e também saunas), especialmente àqueles de estabelecimentos localizados fora dos grandes centros urbanos (notadamente Rio de Janeiro e São Paulo, no caso brasileiro), consistentemente problematizados pelas outras/os autoras/es mencionadas/os na introdução. 🌐

NOTAS

*Matheus Gonçalves França é mestrando em Antropologia Social na Universidade de Brasília, membro do Membro do Ser-Tão (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade). Quando submeteu o artigo, estava no oitavo período de sua graduação, na Universidade Federal de Goiás. E-mail: matheusgfranca@gmail.com

[1] Trabalho oriundo de investigação científica realizada no âmbito do projeto “Memórias, Margens, Mercados – um estudo sobre locais ‘GLS’ na cidade de Goiânia”, coordenado pelo Prof. Camilo Braz, no âmbito do Ser-Tão (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade), da Universidade Federal de Goiás. Agradeço ao Camilo pela paciência e generosidade ao me trazer para os caminhos da pesquisa etnográfica, bem como da leitura atenta tanto dos pareceristas quanto de Giórgia Neiva, a quem devo muitas das discussões aqui realizadas.

[2] Termo nativo que “se refere a uma sala, em geral pequena e com pouca ou nenhuma iluminação. Nela é comum casais, e às vezes pequenos grupos, fazerem sexo” (VEGA, 2008, p 86). Para uma maior dimensão do potencial erótico e de sociabilidade no âmbito dos *dark rooms*, conferir o brilhante artigo de Maria Elvira Díaz-Benitez (2007).

[3] Neste artigo, marquei os termos nativos entre aspas na primeira vez em que aparecerem, seguidos de explicação entre parênteses. Nas aparições subsequentes destes termos, não utilizarei aspas, em nome de uma leitura mais limpa e fluida.

[4] *Orkut* foi uma rede virtual de relacionamentos na qual se podia participar de “comunidades” que reunia interesses em comum entre as/os participantes, além de troca de mensagens, fotos etc entre usuárias/os. Em julho de 2014, o *Google*, empresa então proprietária da rede social, anuncia seu desligamento da internet a partir de 30 de setembro de 2014.

[5] *MSN Messenger* foi um programa de troca de mensagens instantâneas criado pela *Microsoft* muito popular durante os anos 2000, especialmente por ser integrado ao serviço de *e-mails* do *Hotmail*, também muito popular à época. Em março de 2013 o programa foi encerrado e integrado ao *Skype* (programa que permite conexão pela *internet* especialmente por meio de áudio e vídeo), tendo sido completamente desativado em maio do mesmo ano.

[6] O Centro de Goiânia é circundado de bairros de classe média da cidade (a saber, Setor Marista, Setor Oeste, Setor Sul e Setor Universitário), além de ele próprio também abrigar estes sujeitos. Entretanto, o centro da capital goiana pode ser entendido também como uma região moral, nos termos de Park (1987), conforme pontua Perilo (2012).

[7] <<http://www.gpguia.net/>> Acesso em 05 de agosto de 2012.

[8] Todos os nomes que utilizo para essa escrita são fictícios, a fim de preservar o sigilo no que tange à identidade de minhas e meus interlocutoras/es.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. Sargento Garcia. In: **Melhores Contos**. São Paulo: Global, 2006.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007

BRAH, Avtar. **Diferença, Diversidade, Diferenciação**. In: cadernos pagu (26). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2006.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Vestido de Antropólogo** - nudez e corpo em clubes de sexo para homens. Revista Bagoas, v.02, p. 04, 2008.

_____. **À Meia-Luz** – uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Tese de Doutorado, Ciências Sociais. Campinas: UNICAMP, 2010.

_____. **De Goiânia a ‘Gayânia’**: notas sobre o surgimento do mercado “GLS” na capital do cerrado. In: Revista Estudos Feministas, vol 22, n. 1, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero** – feminismo e subversão da identidade, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira. **Dark room aqui**: um ritual de escuridão e silêncio. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 16, p. 93-112, 2007.

DOUGLAS, M; ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens**. Para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FÁBIO, Cleber Alves; FRANÇA, Danilo S. do N.; ROSA, Alexandre Juliete & VALLERINI, Anderson. **Cinemas pornôs da cidade de São Paulo**. Ponto. Urbe, ano 2, v. 3, São Paulo, Núcleo de Antropologia Urbana (NAU), USP, 2008.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

FERGUSON, James e GUPTA, Akhil. **Mais além da "cultura"**: espaço, identidade e política da diferença. In: Arantes, A. A. (org.) Espaço da diferença. Campinas-SP, Editora da UNICAMP, 2000 [1992].

FOUCAULT, Michel. **A História da sexualidade I** – a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes**. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, Antropologia Social. São Paulo: USP, 2006.

_____. **Sobre “guetos” e “rótulos”**: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo”. In: cadernos pagu (28), Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2007.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres Perigosos** – erotismo, gênero e limites da sexualidade. Tese de Livre Docência. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp, 2010.

GROSSI, Miriam. **Masculinidades**: uma revisão teórica. Antropologia em Primeira Mão nº 75. 2004.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**. Identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990.

MAGNANI, José Guilherme Cantor **De perto e de dentro**: notas para uma antropologia urbana. RBCS, vol. 17, n. 49, 2002.

MOORE, Henrietta, **Antropologia y Feminismo**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. **Pulsão Invocante e Constituição de Sociabilidades Clementes** – notas etnográficas sobre karaokê numa sauna em Fortaleza. Trabalho apresentado no 33º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu: Anpocs, 2009.

PARREIRAS, Carolina. **Sexualidades no ponto.com**: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas. 2008.

PARK, Robert Ezra **A cidade**: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: Velho, Gilberto (org.). O fenômeno urbano, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987 [1916], pp. 26-67.

PERILO, Marcelo de Paula Pereira. **Eles botam o bloco na rua!** Uma etnografia em espaços de sociabilidades juvenis. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Goiás, 2012.

PINHO, Osmundo. **Etnografias do brau**: corpo, masculinidade e raça na reafirmação em Salvador. Revista Estudos Feministas, vol. 13, número 1, 2005.

RIBEIRO, Vinícios Kabral. **Cine Santa Maria.Rua 24, Centro**. Em cartaz, para maiores de 18 anos. Monografia em Comunicação Social. Goiânia: Facomb/UFG, 2009.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

SANTOS, Élcio Nogueira dos. **Entre Amores e Vapores**: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês. Comunicação apresentada no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife: SBS, 2007.

TERTO JUNIOR, Veriano de Souza. **No Escurinho do Cinema...:** Socialidade orgiástica nas tardes cariocas. Dissertação de Mestrado, Psicologia. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), 1989.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No Escurinho do Cinema:** Cenas de um público implícito. São Paulo: Annablume, 2000.

VEGA, Alexandre. **Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano:** uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade de São Paulo, 2008.

Recebido em 26 de setembro de 2013

Aprovado em 18 de outubro de 2014